



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

*“Quando eu ouço, é como se a música estivesse tocando em mim!”:*

**Um estudo sobre a escuta musical dos jovens**

Uberlândia

Dezembro, 2020

ALINE BATISTA VALADARES MELO

*“Quando eu ouço, é como se a música estivesse tocando em mim!”:*  
**Um estudo sobre a escuta musical dos jovens**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento à Universidade Federal de Uberlândia – (UFU) como requisito para obtenção do título de Licenciatura do Curso de Graduação em Música: Habilitação em Instrumento - Violão (Licenciatura Plena).  
Área de concentração: Música  
Orientador: Professora Doutoranda Ruth de Sousa Ferreira Silva.

Uberlândia  
Dezembro, 2020

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter sido a minha força e esperança e ter me guiado até aqui.

Agradeço a toda minha família especialmente ao meu marido Jose Roberto pelo apoio e compreensão, meu filho Atherson pelas nossas conversas sobre música e meu filho Sávio, meu companheiro e colega de curso.

Agradeço também a minha mãe Maria, meu pai Divino (in memoriam) e minha avó Iolanda (in memoriam) que me despertaram a paixão pela música. Aos meus irmãos Alessandro que é meu exemplo, Alisson (in memoriam) que é minha inspiração, minha irmã Amanda por ser a “minha pessoa” o caçula Allain meu porto seguro e aos sobrinhos amados.

O meu muito obrigada a todos os professores e professoras que cruzaram meu caminho e muito me ensinaram especialmente: minha orientadora Ruth pela paciência e persistência; Lilia Neves que foi a professora que mais acompanhou minha trajetória durante a graduação; Maria Cristina que aceitou ser minha banca recebendo o trabalho em cima da hora; e a minha professora de inglês e “mãe acadêmica” Lilia Francis que foi uma das pessoas que contribuíra para que eu acreditasse em mim mesma para buscar fazer uma graduação.

Agradeço a todos os colegas e amigos pelo companheirismo, em especial a Silvia Pires que estivemos juntas desde o início nos motivando mutuamente.

Por fim, agradeço a Universidade Federal de Uberlândia pelo ensino público, gratuito e de excelência, pelos programas PIBID e RP que me ajudaram a enxergar a música de outra maneira.

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo entender o que e como os jovens aprendem por meio de suas escutas musicais. Considerada como pesquisa qualitativa, a coleta de dados foi realizada com entrevistas semiestruturadas com três alunos do primeiro ano do ensino médio em uma escola da rede pública de Uberlândia – MG. Foi desenvolvido um levantamento bibliográfico a fim de conhecer sobre o tema. Dentre os autores estudados estão Schafer (1991) que se dedicou em conhecer o ambiente sonoro afirmando que a audição é fundamental para a educação musical; Swanwick (2003) por entender o escutar como o que há de mais importante em uma atividade musical e reconhecer que o significado da música está relacionado ao que é socialmente e culturalmente construído; Souza (2004) por considerar e estudar sobre as relações que as crianças e adolescentes mantêm com a música. Concluiu-se que por meio de suas escutas, os jovens vivenciam experiências musicais significativas. Esta pesquisa pode contribuir para o estudo sobre valorização das experiências musicais de jovens e para abrir um caminho a fim de conhecer sobre os conhecimentos que eles adquirem em suas escutas.

**Palavras-chave:** escuta musical; jovens; aprendizagens musicais.

## ABSTRACT

The objective of this study was to understand what young people learn and how they learn from listening to music. Data collection was carried out in semi structured interviews with three first year high school students at a public high school in Uberlândia, State of Minas Gerais. Initially a bibliographical study was carried out to acquire a comprehensive understanding of the topic. Among the authors studied were Schafer (1991) who analyzed the importance of the environment of sound as a basic requirement in music education. Swanwick (2003), suggested that the most important aspect of music education is the ability to recognize that the meaning of music is closely linked to the social and cultural environment in which it has been produced. Souza (2004) studied the relationship or meaning that children and adolescents attribute to music. It was concluded that, based on the music listened to, young people attain significant musical experience. This research sought to contribute to an understanding of how young listeners perceive music and to provide insights and paths followed by these learners and the knowledge acquired as they listen to music.

**Keywords:** listening to music; young people; musical education.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E.E.A.T.S.	Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva
E.M.A.R.C.	Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha.
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
RP	Residência Pedagógica
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Objetivos.....</b>	<b>11</b>
1.1.1 Objetivo Geral .....	11
1.1.2 Objetivos específicos .....	11
<b>1.2 Justificativa do trabalho .....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 Estrutura do Trabalho .....</b>	<b>12</b>
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 A importância da escuta para a educação musical.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 “Escutar e aprender música” mediados pelas tecnologias .....</b>	<b>16</b>
2.3 “Escutar aprender música” fora da escola .....	17
<b>2.4 As relações do jovem com a música .....</b>	<b>18</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1 Tipo de pesquisa .....</b>	<b>21</b>
<b>3.2 Os participantes da pesquisa .....</b>	<b>21</b>
<b>3.3 A entrevista como coleta de dados .....</b>	<b>22</b>
3.3.1 Elaborando o roteiro das entrevistas.....	23
3.3.2 Experiências na elaboração do roteiro de entrevistas .....	24
3.3.3 Realizando as entrevistas.....	25
3.3.4 A experiência das transcrições das entrevistas .....	26
<b>4 AS EXPERIÊNCIAS MUSICAIS DOS JOVENS POR MEIO DAS ESCUTAS.....</b>	<b>28</b>
<b>4.1 Os participantes da pesquisa .....</b>	<b>28</b>
<b>4.2 Como os jovens escolhem suas músicas .....</b>	<b>29</b>
4.2.1 As músicas nem sempre são selecionadas .....	29
4.2.2 Análise da letra como critério para a escuta .....	30
4.2.3 A importância da organização da <i>playlist</i> .....	31
<b>4.3 Aprendizagens musicais por meio da escuta.....</b>	<b>32</b>
4.3.1 Escutar e aprender com a música do outro .....	32
4.3.2 O que e como falam sobre suas músicas .....	34
4.3.2.1 Aprendizagens musicais na organização das <i>playlists</i> .....	34
4.3.2.2 A escuta possibilita identificar diferenças entre os gêneros musicais .....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE A – CARTA DE INTENÇÕES .....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO.....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>43</b>
<b>Roteiro 1 .....</b>	<b>43</b>
<b>Roteiro 2 .....</b>	<b>44</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo entender o que e como os jovens aprendem por meio de suas escutas musicais. Participaram desse trabalho, estudantes na educação básica da Escola Estadual Ângela Teixeira na cidade de Uberlândia – MG.

Escutar é entendido por Swanwick (1979) como o que há de mais importante em todos os processos em uma atividade musical, quer seja na composição, na afinação do instrumento, em ensaios para uma apresentação bem como na aprendizagem de um instrumento. Esse autor considera que a escuta, que ele chama de apreciação, “é a razão central da existência da música e o objetivo final e constante na educação musical.” (SWANWICK, 1979 apud FRANÇA e SWANWICK 2002, p. 12).

Em minha formação musical, aprendi que “escutar” é uma ferramenta muito importante para aprender música e aperfeiçoar a performance no instrumento. Desde que ingressei na graduação em música, entendi que algumas disciplinas tratam sobre a escuta musical e ao cursá-las percebia que eram planejadas para formar um “bom ouvido”, ou seja, proporcionar aos alunos o aprendizado auditivo, considerada uma habilidade primordial na profissão de músico. Dentre estas disciplinas estão: Percepção Musical<sup>1</sup>; Canto Coral<sup>2</sup>, História e Apreciação da Música<sup>3</sup> e Literatura do Instrumento<sup>4</sup>. Além destas disciplinas, realizei duzentas horas de apreciação musical assistindo a recitais ou espetáculos musicais como cumprimento das horas de Atividades Acadêmicas Complementares exigidas pelo Curso de Graduação em Música da UFU.

Com base nestas experiências de formação musical, compreendi que a escuta é vista como uma questão essencial na formação do profissional da música, portanto, também está relacionada com aprender tocar um instrumento. Assim, tive que aprender a escutar para aprender tocar meu instrumento – violão. Estas disciplinas e atividades complementares foram fundamentais no meu processo de aprendizagem e formação enquanto professora de música. Porém, quando participei de programas de formação, tanto o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)<sup>5</sup>, quanto a Residência

---

<sup>1</sup> Nesta disciplina, o aluno realiza leituras, análises auditivas, ditados e identificação de funções tonais com a finalidade de treinar a audição para o desenvolvimento da percepção auditiva musical.

<sup>2</sup> O canto coral abrange a construção da percepção auditiva e adequação às sonoridades e expressividades produzidas pelo grupo vocal.

<sup>3</sup> Esta disciplina leva o aluno a conhecer cada período da história da música e a realizar apreciações auditivas e abordagem conceitual dos processos da criação e produção musical no contexto social.

<sup>4</sup> Conhecer e entender a história do próprio instrumento e seus principais compositores. Passa por realizar audições do repertório do instrumento nos diversos períodos da história, nacional e mundial.

<sup>5</sup> O Pibid é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que

Pedagógica (RP)<sup>6</sup>, fui surpreendida com outras experiências musicais que me chamaram atenção e representaram oportunidades para a ato de aprender ser professor. Depois destes programas percebi a música de outra forma.

As observações durante a RP me ajudaram na escolha do tema para esta pesquisa quando, ainda sem saber o que iria pesquisar no trabalho de conclusão de curso (TCC), observei uma aula de arte das turmas de 8º e 9º anos do ensino fundamental cujo assunto era escuta musical.

Nesta aula, os alunos deveriam ouvir um pequeno trecho de uma música escolhida aleatoriamente de uma *playlist*<sup>7</sup> criada anteriormente pelos próprios alunos. Teriam que identificar: o nome, o intérprete ou qualquer outra característica que pudesse ser extraída da música escutada. Assim, aquele momento da aula não era apenas para responder algo da música, mas também para compartilharem suas opiniões, “defender” e explicar o motivo pelo qual gostavam ou não de alguma música.

O que me chamou atenção foi a maneira como os alunos faziam questão de demonstrar suas preferências, gostos e conhecimentos sobre música no momento da escuta. Eles não se contentavam em apenas responder qual era a música, mas queriam contar suas histórias, falar sobre suas famílias, suas vivências, mostrar seus pontos de vista e, principalmente, criticar ou ignorar uma música caso não gostassem do cantor, da melodia ou da letra, e faziam questão de explicar o motivo pelo qual não gostavam de determinadas músicas.

Com base nesta aula, e nas discussões desta atividade, conclui que os jovens demonstraram conhecer sobre “suas músicas” e que sabiam dizer os motivos pelos quais não gostavam de outras músicas e tudo isso, a partir de suas escutas. Assim, comecei a compreender que os jovens possuíam maneiras e motivações diferentes para escutar música.

Estas experiências durante as observações das aulas na RP despertaram minha curiosidade por conhecer mais sobre o que seria “Escuta Musical” para estes jovens.

Quando iniciei as primeiras buscas para o tema, comecei a perceber que existia

---

visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid>

<sup>6</sup> “O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integrando a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.” <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>

<sup>7</sup> *Playlist* é uma lista de músicas ou vídeos, que pode ser organizada manual ou aleatoriamente, presente em aplicativos (players). <https://www.dicionarioinformal.com.br/playlist/>.

diferenças entre o mundo dos jovens, a frequência com que ouvem suas músicas e a importância que dão a essa prática, com as minhas experiências de escuta em minha formação como professora de música. Nas instituições de ensino de música, as escutas musicais costumam ser direcionadas e com objetivos determinados, enquanto que para quem não é estudante de música, a escuta pode ser despretenciosa e com objetivos pessoais.

Estar na escola podendo observar e conviver com esses jovens e participar do trabalho realizado pela RP, me fizeram perceber que esses jovens possuem conhecimentos musicais obtidos por meio de suas escutas. Assim, me interessei por entender como e porque escutavam suas músicas e sobre as aprendizagens promovidas por essas escutas, principalmente pelo fato de não estarem em um contexto de aprendizagem musical formal.

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Com base nestas primeiras reflexões, o objetivo geral desta pesquisa é compreender o que e como os jovens aprendem por meio de suas escutas musicais.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

Foram considerados como objetivos específicos: conhecer as preferências musicais dos jovens; conhecer quais são os critérios utilizados por eles na seleção das músicas; saber como descrevem suas músicas e o que conhecem sobre elas; identificar as maneiras de escutar e aprender sobre música e listar elementos musicais que os jovens aprendem por meio da escuta musical.

## **1.2 Justificativa do trabalho**

Esta pesquisa parte da ideia que os jovens trazem consigo aprendizagens musicais que são resultados de suas vivências com a música, especialmente por meio de escutas musicais. Fica claro que quando eles descrevem, escolhem, comentam e defendem suas preferências musicais revelam possuir conhecimentos que muitas vezes não são considerados por muitos professores de música.

Esta pesquisa busca contribuir para que os professores de música considerem e

valorizem o que os alunos trazem consigo de experiências e aprendizagens a partir da escuta musical individual e coletiva dentro e fora da escola. Dessa forma, leva a reflexão de que o momento da aula é também um espaço de partilha de conhecimentos entre colegas e com o professor. Conseqüentemente, pode contribuir também para que os professores possam conhecer o mundo da(s) música(s) dos jovens e os seus critérios de escolhas na escuta musical.

Assim, a aproximação com a realidade dos jovens pode levar a um trabalho em conjunto, favorecer o diálogo sobre música e trazer o aluno à participação no planejamento da aula. O professor pode levar o aluno a se conscientizar sobre seus próprios conhecimentos, aumentando sua autoestima ao articular as contribuições dos alunos com seu plano de ensino, para que os estudantes possam se enxergar de maneira diferente.

Com isso, um trabalho dessa natureza pode colaborar para que aulas de música possam ser realizadas com materiais que estão à mão dos alunos, como por exemplo, suas *playlists* de músicas. São possibilidades que a princípio não exigem equipamentos ou instrumentos que o professor ou a escola não possuem.

Nessa pesquisa, pretende-se identificar conteúdos musicais aprendidos por meio da escuta, como esta aprendizagem acontece, e assim, contribuir para ampliar a dimensão da escuta e potencializar a aquisição dos conhecimentos musicais dos jovens a partir de escutas musicais cotidianas.

Dessa forma, essa pesquisa com o objetivo de compreender o que e como os jovens aprendem por meio de suas escutas musicais, poderá contribuir ainda para a valorização dos conhecimentos musicais dos jovens. Pode colaborar também para as discussões pedagógico-musicais de aulas de música na escola básica e na formação e atuação do professor de música.

### **1.3 Estrutura do Trabalho**

A primeira parte deste trabalho consiste na Introdução, em que contextualizo o tema desta pesquisa, abordando como alguns pedagogos musicais entendem a escuta e sua importância na aprendizagem musical. Procuro apontar como a escuta está inserida em diversas disciplinas no currículo de graduação em música da UFU. Como e porque eu decidi por este tema e, além disso, destaco os objetivos e a justificativa desta pesquisa.

A segunda parte traz a Revisão Bibliográfica. Nela apresento estudos que estão sendo realizados no campo da escuta, levantando sua importância na educação musical e a

influência da tecnologia na escuta musical. Também exponho, como pesquisadores abordam a música dentro e fora da escola, a diferença entre os interesses musicais dos jovens e dos professores, porque os jovens ouvem música e qual a importância da música para eles.

Na terceira parte, Metodologia, apresento a abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa e o tipo de pesquisa adotado. Falo sobre os participantes da pesquisa e como aconteceu a coleta de dados. Relato também minhas experiências na elaboração do roteiro, na realização das entrevistas e na transcrição.

A quarta parte traz as análises das entrevistas realizadas, abordando as experiências musicais dos jovens por meio das escutas. Falo quem são os participantes da pesquisa. Analiso como os jovens escolhem suas músicas e como as músicas são selecionadas. Trago análise da letra como critério para a escuta, a importância da organização da playlist, as aprendizagens musicais por meio da escuta, escutar e aprender com o outro, as descrições que os jovens fazem sobre suas músicas, aplicativos que ajudam a organizar o que escutar, a escuta possibilita identificar diferenças entre os gêneros, por fim, na quinta e última parte, trago as considerações finais.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O estudo sobre escuta musical demonstrou ser um desafio desde o início desta pesquisa, já que em minha experiência sobre aprender escutar e a minha motivação para tal, possui uma proposta de “o que” escutar e “como” escutar objetivando aperfeiçoar a aprendizagem do instrumento.

Pensando na parte fisiológica, o responsável pela escuta é o aparelho auditivo que é formado por um conjunto de órgãos que tem a função de captar as ondas sonoras e transmiti-las ao cérebro. As ondas sonoras são vibrações no ar que são coletadas pelos pavilhões auriculares e direcionadas para o canal auditivo, fazendo o tímpano vibrar<sup>8</sup>.

Ainda que o processo auditivo de captação e transmissão de som ao cérebro seja aparentemente semelhante para maioria das pessoas, a importância do som para cada um pode estar relacionada com as vivências musicais coletivas ou individuais experimentadas em diversos lugares e contextos.

A palavra escutar vem do latim *auscultare* que significa “Tornar-se ou estar atento para ouvir; Dar ouvidos a; Aplicar a audição com atenção para perceber ou ouvir”. (FERREIRA, 1986, p. 693). Esta definição revela como a escuta está relacionada ao fato de “estar atento”, bem como “dar ouvidos”. O escutar também é compreendido como “ficar à espreita para escutar: pôs-se à escuta; lugar donde se pode escutar”<sup>9</sup>.

Com base nestas definições, escutar tem ligação com a intenção e atenção de quem ouve. Esta definição demonstra que a escuta depende do interesse, do despertar para a escuta de cada um.

### 2.1 A importância da escuta para a educação musical

Swanwick (1979, p. 43) menciona aspectos relevantes sobre a escuta e seu papel na aprendizagem musical. Para ele a escuta é o “primeiro da lista de prioridades para qualquer

---

<sup>8</sup> A partir da vibração do tímpano, os ossículos (martelo, bigorna e estribo) se movem no ouvido médio. Assim, essas vibrações sonoras são transmitidas para a cóclea no ouvido interno, estimulando as células ciliadas. Essas células são preparadas para responder à diferentes sons com base no tom ou frequência. Em seguida, cada célula ciliada detecta o tom ou a frequência do som ao qual está programada para responder e gera impulsos nervosos que se movimentam instantaneamente ao longo do nervo auditivo. Os impulsos nervosos percorrem um caminho complexo no tronco cerebral até chegar ao córtex auditivo, os centros auditivos do cérebro. É nesse momento que as correntes de impulsos nervosos são transformadas em um som significativo (PAULUCCI, 2005).

<sup>9</sup> 9 Verbetes “Escuta” segundo o Dicionário online de Português: <https://www.dicio.com.br/escuta/>

atividade musical”. Nesse sentido, para que haja atividades musicais nas quais os alunos tenham uma experiência musical mais rica, as habilidades técnicas e motoras são colocadas em segundo plano na aula de música. Com base nessas reflexões, observa-se o quanto o tema sobre escuta musical é importante na aprendizagem musical.

O tema sobre a escolha e exploração das músicas dos alunos é abordado por Swanwick (2003) que entende a música como uma forma de pensamento, de conhecimento que nasce em um contexto social. Desse modo, é preciso que os alunos tragam suas próprias interpretações, tomem suas decisões musicais e comecem a se “apropriar” da música por eles mesmos, pois “cada aluno traz consigo um domínio de compreensão musical quando chega a nossas instituições educacionais. Não os introduzimos na música, eles já são bem familiarizados com ela” (SWANWICK, 2003, p. 66-67).

Se, por um lado, a escuta tem importante função na aprendizagem musical, a qualidade da escuta é outro elemento que se deve atentar. M. Schafer (1991) defende a importância da paisagem sonora e a conscientização dos sons a nossa volta. Para ele, a prática musical é mais importante do que estudos teóricos. Em suma, em sua visão, a qualidade da escuta é o principal elemento para uma boa educação musical. Para esse autor, o principal objetivo é fazer com que seus alunos sejam capazes de escutar cada vez mais e melhor.

Ao tratar da importância dos ouvidos para a música, Schafer (1991) afirma que a “música é som com intenção de ser ouvido” (p.35). Nesse aspecto, os ouvidos executam operações muito delicadas e estão todo o tempo abertos para captar todos os sons do horizonte acústico. Esse autor acredita que o desenvolvimento da criatividade passa por treinar os ouvidos, treino este que leve a uma atenção especial a fim de reaprender a escutar.

Olhando para as experiências dos jovens, Souza e Torres (2009) desenvolveram um estudo em que afirmaram que a atividade de escutar música dos jovens ocupava um lugar central em suas vidas. Para estas autoras, as experiências e aprendizagens musicais podem acontecer sincronizadas no que diz respeito ao espaço e tempo, mas podem ser consideradas como algo individual. Essa questão de escuta individual e o fato de acontecer em outro tempo e espaço está relacionado às escolhas que os jovens fazem quando escutam suas músicas.

Muitas vezes os jovens escutam música não por serem movidos por uma obrigação, mas por uma decisão pessoal. Eles também demonstram que suas escutas, muitas vezes, são por lazer ou por sentirem necessidade de estarem “conectados”. Assim, é possível compreender que “escutar” música não é uma atividade que pode ser considerada algo escolar, ou que aconteça apenas no espaço da escola, ou sob a condução do professor.

## 2.2 “Escutar e aprender música” mediados pelas tecnologias

Estudos sobre escuta musical de jovens tem sido foco de alguns pesquisadores como é o caso de Popolin (2012) que realizou discussões sobre aprendizagens musicais e buscou identificar o que os jovens aprendem de música por meio de suas escutas musicais mediadas pelas tecnologias digitais. Em sua pesquisa, ele buscou conhecer as maneiras como os jovens utilizam fones de ouvidos na escola e a intensidade com que demonstram escutar músicas. Segundo este autor, a prática da escuta musical dos jovens “influencia a construção de sua identidade em aspectos como estilo de roupa, modo de falar e comportamentos” (POPOLLIN, 2012, p.107).

Em sua perspectiva, a escuta é uma prática que acontece todos os dias em variados contextos e situações e está atrelada às tecnologias de reprodução de áudio. A aprendizagem pode ser entendida como aquisição de conhecimentos técnico e estruturais da música ou conhecimentos para manipulação, usos e significação da música no meio social e cultural e ocorre mesmo que não haja intenção. Assim, este autor deixa claro que a aprendizagem de jovens passa pelas relações sociais e culturais.

Neste ambiente de música e tecnologia, Popollin (2012) conclui que os jovens adquirem conhecimentos sobre música, como elementos característicos de gênero e estilo, características estilísticas das letras, andamento, instrumentação e sobre os músicos que possuem relação com estas músicas.

Outra autora que se atentou para a escuta musical e tecnologias de reprodução de áudio foi Bozzetto (2008) que procurou identificar como os jovens se relacionam com as possibilidades musicais oferecidas por aparelhos celulares. Com essa tecnologia o jovem pode escutar música em qualquer hora e lugar, escolher, selecionar, manipular, compartilhar, compor e principalmente expor seu gosto musical.

Conforme o pensamento desta autora, as mídias exercem um papel fundamental, e fazem parte da vida cotidiana do jovem e de maneira que o celular passou a ser mais que um telefone “virando um item definidor de sua personalidade e do grupo ao qual pertence” (BOZZETTO, 2008, p.6). Dessa forma, o celular cria uma maneira própria de comunicação que indica o mundo ao qual o jovem pertence ou deseja pertencer. Nesse pensamento, essas vivências cotidianas são geradoras de formação musical e é um desafio para a Educação musical problematizá-las.

Souza e Torres (2009) também evidenciaram a importância da tecnologia envolvendo computadores, internet e aparelhos portáteis na ampliação das possibilidades de acesso à



música e das maneiras de escutar música das culturas contemporâneas. O acesso à internet também permite ao jovem garimpar músicas e, a partir destas pesquisas, conhecer novas músicas. Assim, muitas vezes, o que escutam não é do conhecimento dos professores e, portanto, podem saber mais sobre música do que demonstram.

Para Souza e Torres (2009), a maneira que o jovem escolhe para escutar música está relacionada com as tecnologias de reprodução de áudio. Elas identificaram maneiras de escuta dos jovens: para dançar, porque está sozinho, para relaxar, para se distrair, para ajudar no controle das emoções, porque está no comercial, com fones, pela televisão, pelo rádio, computador, celular, enquanto realiza outra atividade e a escuta analítica.

Assim, cada meio utilizado para acessar a música oferece possibilidades diferentes de relacionar com a música e com o outro, um exemplo é o fone de ouvido que possibilita o isolamento mesmo em locais públicos. Há meios que permitem a combinação de ver e escutar, como Dvd's ou o computador que ainda possibilita o compartilhamento, permuta ou pesquisas musicais.

Desse modo é possível entender que, a partir da maneira de escutar música, o jovem pode externar suas preferências musicais e construir redes de amizade ao encontrar seus pares conforme a personalidade musical e reconhecimento de escolhas em comum.

Com base na inserção realizada para a RP, as descrições que os jovens fizeram sobre suas músicas e sobre as músicas dos colegas e observar aqueles fones de ouvido com a maioria deles, era apenas o começo do caminho para compreender suas escutas musicais. Havia ainda o desafio de ter acesso a estas músicas e saber como era essa relação do jovem com seu mundo sonoro.

### **2.3 “Escutar aprender música” fora da escola**

Palheiros (2006) se atentou para a importância da música fora da escola, que segundo ela, é nesse ambiente que a criança ou adolescente pode decidir por suas preferências musicais valorizando o prazer e a emoção. A autora acredita que a escola deve considerar o pluralismo musical oferecido pelas diversas culturas as quais estão cada vez mais acessíveis por meio das tecnologias de reprodução musical.

Nessa perspectiva, em casa e em outros contextos informais, a música tem, principalmente, função emocional e social, enquanto que em um contexto de aprendizagem musical, a função é cognitiva, pois existe uma preocupação em desenvolver competências

técnicas. No entanto, a escuta musical fora do contexto escolar também possui função cognitiva, ou seja, está relacionada ao processo de aquisição de conhecimento mesmo que não possua um objetivo claramente definido neste sentido.

Esse estudo mostrou a importância das escutas musicais dos jovens independente dos lugares e finalidades dessas escutas. No caso da proposta desta pesquisa, a atenção para as escutas dos jovens e suas preferências musicais não se ocupou para o fato do quanto este sabe de/sobre música, mas, conhecer os saberes que os jovens trazem consigo despertados ao escutarem música.

Escutar música fora da escola é uma realidade presente na vida dos jovens, o que o torna com múltiplas experiências musicais. Afinal, estas são vivências diferentes daquelas realizadas quando está na escola. Nesse sentido, a partir da ampliação do acesso a aparelhos móveis de reprodução de áudio, o jovem está cada vez mais conectado aos seus fones de ouvido, que muitas vezes, não tiram nem para conversar. Conseguem conciliar outros afazeres, ao mesmo tempo em que “curtem” suas música, desde tarefas corriqueiras do dia a dia, até estudar, jogar e trabalhar escutando música. Assim, muitas vezes pautam suas relações humanas, pelas preferências musicais, desse modo, a música pode unir ou separar pessoas.

## **2.4 As relações do jovem com a música**

Souza (2004) levanta uma questão importante para o estudo sobre ensino/aprendizagem musical com os jovens, e que pode ser entendida sob o viés da aprendizagem por meio da escuta, ao lembrar que o ensino de música não deve estar descontextualizado de sua produção sociocultural. Assim, o que está em jogo são “as relações que os alunos constroem com a música, seja ela qual for”(p.8) e ajudam a compreender as diferentes aprendizagens musicais como, o que escutam e como selecionam estas músicas.

Desse modo, as relações que os jovens mantêm com suas músicas representam uma manifestação de uma “identidade caracterizada por dupla pertença”: “classe de idade e do meio social” (GREEN apud SOUZA, 2004, p. 8).

Segundo a autora, é preciso considerar que os alunos são seres sociais e valorizar suas experiências musicais cotidianas. Entender que podem ter interesses musicais diferente dos interesses do professor, pois a música que eles se identificam configuram o meio social em que vivem. Souza (2004) afirma que o currículo escolar deveria contemplar questões

relevantes na vida do aluno além do espaço da escola e pensar outras formas de entender a música no mundo contemporâneo e desta forma estabelecer outras formas de aprendizagem.

Na ideia de Kokkidou e Tsakiridou (2009), os jovens optam por escutar música acima de tudo por razões emocionais: para se divertir, relaxar, confortar. Além disso, a música contribui para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Conforme estas duas autoras, os jovens dedicam uma parte significativa de seu tempo para a música, e que alguns deles consideram a música tão importante quanto o oxigênio e a água.

Segundo as autoras, alguns jovens afirmam escutar música apenas por hábito, mas a maioria prefere manter um relacionamento ativo com a música. Kokkidou e Tsakiridou (2009) acreditam que, além do contexto social, forças como a indústria cultural, tendências políticas e econômicas, cultura de massa e criação de estrelas na música influenciam a maneira como o jovem ouve música. Essas leituras realizadas esclareceram que a escuta musical está relacionada à construção identitária dos jovens e que a música que ouvem tem uma relação com a sua liberdade.

Conclui-se que autores como Popolin (2012) e Bozetto (2008) pesquisaram sobre a escuta musical e salientaram o uso de tecnologias em dispositivos de armazenamento, compartilhamento e reprodução musical neste processo. Para estes autores, existe uma aprendizagem musical de jovens mediada por estes dispositivos, especialmente o celular. Enquanto Souza (2004) desperta a atenção para a importância de se enxergar a questão sociocultural, ou seja, as relações que os alunos constroem por meio de suas escutas. Para Kokkidou e Tsakiridou (2009), a partir da interação com o ambiente musical, o jovem constrói conhecimento sobre música ao perceber, processar e reagir à mensagem musical.

Portanto, o estudo sobre aprendizagem musical por meio da escuta é um tema relevante e apesar de alguns autores já terem produzido pesquisas sobre esta temática, ainda se fazem importantes novas pesquisas.

Desse modo, esta pesquisa considera que as vivências e aprendizagens musicais podem ocorrer nos diferentes espaços e ambientes sociais, sozinho ou em grupo e nas relações que o jovem estabelece com a música que o cerca no seu dia a dia. Consequentemente, valoriza a ideia de que a aprendizagem musical acontece mesmo fora do ambiente de educação musical formal, ou seja, sem auxílio de um professor de música.

Este trabalho acredita que as maneiras como os jovens escutam e como se relacionam com suas músicas e as suas motivações podem se modificar ou sofrer interferências e mudanças. Portanto, torna-se necessário investigar a relação do jovem com a escuta, assim

refletir sobre as estratégias utilizadas pelos professores de música e buscar alternativas inovadoras a fim de produzir melhorias na qualidade do ensino musical.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

Esta pesquisa insere-se no campo da educação musical e tem como objetivo compreender o que e como os jovens aprendem por meio de suas escutas musicais. A partir de uma abordagem qualitativa, essa pesquisa busca responder questões muito particulares, se ocupando “[...] com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado” (DESLANDES, 2009). Segundo Deslandes (2009), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados.

Ainda no que diz respeito à pesquisa qualitativa, Denzin e Lincoln (2006, p.17) entendem que esse tipo de pesquisa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, estudam as coisas “em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos significados que as pessoas lhes conferem”. O texto de Silverman (2009, p. 110), esclarece-se que na pesquisa qualitativa é possível “acessar de imediato o que acontece no mundo – isto é, examinar o que as pessoas fazem na vida real”.

Tendo em vista tais apontamentos, a pesquisa qualitativa pode colaborar na compreensão sobre as particularidades, as opiniões e as preferências musicais dos jovens. Pode contribuir ainda na possibilidade de descrição minuciosa em relação às escutas dos jovens, levando à possibilidade de instrumentalizar a pesquisa de maneira a conhecer mais sobre o mundo auditivo dos jovens e suas aprendizagens musicais por meio da escuta.

#### **3.2 Os participantes da pesquisa**

Desde o início, minha intenção era realizar a coleta de dados no ambiente escolar, pois a ideia do tema para esta pesquisa surgiu a partir da observação de uma aula de música/arte na Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha, onde o programa Residência pedagógica/Música acontecia. Participar deste programa, me proporcionava contato com os jovens da escola e a possibilidade de criar uma proximidade com eles, o que me ajudaria na realização da pesquisa.

Porém, o programa Residência Pedagógica passou a ser na Escola Estadual Ângela Teixeira. Com esta mudança, levei minha pesquisa também para outra escola, alterando o local para coleta de dados. Foi preciso me adaptar e conhecer as novas turmas, o novo

preceptor<sup>10</sup> da RP, outra rotina escolar e para em seguida encontrar participantes para a pesquisa.

Após uma reunião com vice-diretor da escola solicitando a liberação para realização desta pesquisa, a qual foi concedida, conversei com o professor preceptor<sup>10</sup> da RP que concordou em ceder os alunos que quisessem participar da pesquisa, durante o horário de suas aulas. Assim, durante uma de suas aulas, expliquei aos alunos quem eu era, sobre a minha pesquisa e os convidei para participar da entrevista. Ninguém respondeu na hora, mas durante o recreio, alguns alunos me procuraram para entender o convite. Então falei sobre minha pesquisa e a necessidade de participantes para serem entrevistados.

Estes jovens se interessavam em entrar na Universidade e queriam saber como é estudar em uma universidade, este motivo levou-os a aproximar e autorizar uma entrevista. Também demonstraram curiosidade sobre como seria um TCC, o que significaria isso. Desse modo, três alunos se ofereceram para participar da pesquisa, sem entenderem de maneira clara o que iriam realizar.

### **3.3 A entrevista como coleta de dados**

Segundo Gil (2009, p. 63), a entrevista é uma técnica de coleta de dados eficiente e “adequada para obter informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam sentem [...] fazem ou fizeram”. Porém, a entrevista é entendida como técnica de coleta de dados que tem vantagens e desvantagens.

Alguns alertas que este autor faz é com respeito ao papel do entrevistador e a necessidade de deixar seu ponto de vista à parte ao que está sendo coletado, e cuidar para não emitir opiniões, algo fundamental para não influenciar nas respostas dos entrevistados.

Para esta pesquisa foi utilizada a entrevista semiestruturada, nesta modalidade, o pesquisador elabora um roteiro de perguntas para nortear a entrevista, mas é permitido ou incentivado ao entrevistado abordar outros assuntos que forem surgindo ao longo da conversa. Neste modelo, o entrevistador pode alterar a ordem das perguntas do roteiro, ou mesmo criar ou eliminar alguma pergunta, caso considere oportuno. Porém, cabe ao entrevistador não deixar que a entrevista se desvie do assunto da pesquisa.

---

<sup>10</sup> Preceptor é o professor da escola de educação básica que acompanha os residentes na escola-campo. <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>.

Zago (2003) considera importante respeitar princípios éticos e de objetividade e garantir situações que favoreçam melhor aproximação com a realidade estudada. Assim, entende que a entrevista proporciona fazer questionamentos sobre o social e buscar estratégias apropriadas para respondê-las. Dessa forma, em uma pesquisa sobre música o contexto social pode influenciar no que a música representa para o entrevistado e a sua importância. O contexto social e cultural é fundamental para determinar as preferências musicais das pessoas.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com o objetivo de compreender as escutas musicais dos entrevistados com base na ideia de que os momentos de escuta musical dos jovens são considerados momentos de aprendizagem musical, a entrevista foi considerada a forma de coleta de dados para escutar deles e entender o que eles conhecem de música e sobre música.

Seguindo o planejamento do trabalho, elaborei os documentos para realização das entrevistas quais sejam: A carta de intenção (APÊNDICE A) e o Termo de consentimento (APÊNDICE B) que foram assinados pelo responsável pela instituição. Depois destes documentos em mãos, foram providenciadas as entrevistas, então realizadas entre agosto e dezembro de 2019.

### **3.3.1 Elaborando o roteiro das entrevistas**

A coleta de dados foi realizada com auxílio de um roteiro de entrevistas (APÊNDICE C) que incorporou perguntas com relação às escutas musicais dos jovens. O roteiro de perguntas foi o guia que norteou a entrevista, buscando manter o propósito da pesquisa e a organização no momento da entrevista. O roteiro contribuiu para lembrar alguma informação relevante, facilitando a interação entre entrevistado e entrevistador.

A elaboração do roteiro de perguntas, segundo Gil (2009, p. 69), não tem uma regra fixa, sendo necessária, certa “perspicácia” para que as perguntas conduzam a respostas espontâneas. Para este autor, o entrevistador não deve tirar a liberdade do entrevistado para que ele expresse com liberdade, ainda que altere o tempo previsto, ampliando o tempo de entrevista.

Nesse aspecto, o entrevistador organiza as questões, porém incentiva o entrevistado a falar de forma livre sobre assuntos que surgirem em desdobramentos da pergunta inicial. O roteiro de entrevistas foi elaborado com perguntas abertas com intuito, primeiramente de conhecer os participantes e criar uma proximidade com eles nesse primeiro contato.

Apesar desta pesquisa ter sido realizada na escola, o objetivo foi conhecer como os jovens escutam e compreendem música, o que está relacionado às suas particularidades, individualidades, ficando claro que a escola faz parte enquanto lugar para essas experiências de escutas musicais, porém, transcendem a outros espaços e outros tempos de escutas musicais.

### **3.3.2 Experiências na elaboração do roteiro de entrevistas**

A elaboração do roteiro da entrevista foi um grande desafio para mim. De início não sabia sequer como construir o roteiro de perguntas para nortear a entrevista. A primeira questão que passou pela minha cabeça foi: Que tipo de pergunta seria mais apropriado fazer? O que me levou a outro problema, que foi entrar em conflito comigo mesma sobre o que eu realmente gostaria de saber.

Ao construir o roteiro foi difícil imaginar como a entrevista iria caminhar, além disso, fui descobrindo que cada entrevistado poderia caminhar para um rumo diferente. Então, primeiramente elaborei perguntas possíveis para em seguida avaliar junto a orientadora e escolher quais perguntas poderiam resolver os objetivos específicos.

Vencida a etapa da elaboração do roteiro e partindo para as entrevistas, a medida em elas foram acontecendo eu fui reorganizando as perguntas. Acrescentei outras perguntas ao perceber falhas minhas na entrevista anterior e fui me munindo de informações que poderiam me ajudar na próxima entrevista.

Durante as orientações, também fomos lendo autores que me ajudaram a pensar sobre o papel do pesquisador como Zago (2003), que aborda o campo de pesquisa e as tensões e dúvidas vivenciadas especialmente em cada primeira entrevista e pelos entrevistadores menos experientes. Afinal, não existe uma receita pronta para uma entrevista, é preciso começar e ir descobrindo caminhos, criando soluções e reformulando conceitos.

Da mesma forma, ao me preparar para a primeira entrevista me vi cercada de dúvidas e incertezas. O que perguntar? Como perguntar? Vou conseguir entrevistados? Meus entrevistados se sentirão confortáveis? Minhas entrevistas serão satisfatórias? Como será meu desempenho ao realizar entrevistas? Estas são algumas das perguntas que me incomodavam. Compreendi que conquistar a confiança entre o entrevistado e o entrevistador é uma ação muito importante no processo de realização das entrevistas para que haja a entrega de uma fala.

Para Zago (2003), a entrevista se desenvolve em uma relação social, desta forma o entrevistado deve ser considerado exatamente quem ele é. Sua visão de mundo, experiências e



personalidade também podem influenciar na pesquisa. A entrevista expressa sentimentos, realidades e cumplicidades evidenciando que não há neutralidade científica por parte do pesquisador, um trabalho de campo é sempre uma experiência singular.

Dessa forma, ser uma pessoa introvertida aumentou minha insegurança, não apenas para o momento da entrevista em si, mas especialmente ao procurar interessados em contribuir com minha pesquisa. Afinal, para isso foi necessário buscar uma relação de confiança prévia com os participantes. De antemão, eu já sabia que a melhor forma desta conquista era por meio do diálogo – sempre um desafio a mais para uma pessoa tímida.

Os momentos de elaboração da entrevista bem como de realização dela demonstraram ser muito complexos, principalmente pelo fato de se tratar das individualidades dos entrevistados. Uma pessoa inexperiente pode encontrar muitas dificuldades e desafios no momento das entrevistas, pois muitas vezes se faz necessário construir perguntas oportunas sem um roteiro preestabelecido.

Percebi que havia lacunas em alguns momentos da entrevista justamente por não ter a experiência de articular uma pergunta, ou direcionar a entrevista de maneira mais dinâmica. Como por exemplo, algumas lacunas poderiam ter sido melhor esclarecidas, se houvesse determinada pergunta específica para dar continuidade à linha de pensamento que estava sendo construída.

Uma dificuldade que encontrei foi, algumas vezes em que o entrevistado estava tocando em um assunto que poderia ser importante para conhecer sobre sua escuta. Porém, por inexperiência, ao invés de fazê-lo se aprofundar na sua reflexão, eu retomava o roteiro, fazendo uma pergunta que de certa forma, quebrava o que o entrevistado estava relatando. Ao mudar o foco, provavelmente perdia informações preciosas para esta pesquisa.

Porém, ainda que o roteiro não tenha sido tão eficaz quanto poderia, ele foi de grande ajuda, pois, mesmo quando a pergunta do roteiro “fugiu” do contexto, foi essa pergunta que proporcionou a continuidade da entrevista.

Mesmo com tantos desafios, consegui realizar as entrevistas e melhorar meu desempenho entre uma e outra entrevista. Cada experiência trouxe um novo aprendizado e consegui no final ver diferenças entre os entrevistados, enxergar nas respostas, os objetivos específicos da pesquisa, e compreender sobre as aprendizagens musicais dos jovens com suas escutas.

### **3.3.3 Realizando as entrevistas**

Nessa pesquisa foram usados codinomes para os entrevistados, para garantir a privacidade e confidencialidade dos participantes.

A primeira entrevista foi com Liz, uma jovem de 15 anos que se mostrava bastante extrovertida na sala de aula, no entanto durante a entrevista encontrei dificuldade em extrair respostas mais profundas dela. Além disso, a minha inexperiência e timidez me prejudicaram quando eu poderia aprofundar no assunto conduzido pelo entrevistado ou elaborando rapidamente uma pergunta pertinente no momento da entrevista.

Ao analisar meu desempenho junto com a orientadora, consegui perceber vários pontos que poderiam ser melhorados. Dessa forma, depois de fazer uma reflexão sobre esta primeira entrevista, me senti mais confiante por estar munida de estratégias que poderiam ser usadas durante a entrevista seguinte.

O segundo entrevistado foi Vini, um jovem de 16 anos que demonstrou espontaneidade nas suas respostas e satisfação por participar deste trabalho, afirmando estar preocupado em ser claro e me fazer entender o que estava dizendo. Além disso, percebi que a análise do meu desempenho na primeira entrevista me ajudou a crescer e entender melhor a dinâmica nesta segunda entrevista. Desta vez tinha mais segurança do que buscava nas respostas e maior maleabilidade ao realizar as perguntas.

A terceira entrevistada foi Babi, uma jovem de 15 anos que chegou dizendo que estava nervosa e feliz em participar da pesquisa, o que me deixou satisfeita e confiante, apesar de ter menos tempo desta vez. Tentei aplicar as estratégias que havia aprendido para fazer o meu melhor e extrair o máximo que a participante tinha a dizer. No início, ela demonstrou estar muito preocupada se estava respondendo da forma correta. No decorrer da entrevista tanto ela quanto eu, fomos melhorando a fluência e a entrevista foi se tornando mais agradável.

Realizar este trabalho de entrevistas foi um desafio grande para mim, por ter que lidar com a minha maior dificuldade que é enfrentar a timidez e desenvolver a comunicação. A posição de entrevistadora foi um lugar em que me senti extremamente desconfortável, no entanto reconheço que fui adquirindo um aprendizado importante que vai além da academia, ampliando a minha visão do mundo e atingindo até mesmo minha vida pessoal.

### **3.3.4 A experiência das transcrições das entrevistas**

Após vencido os desafios da elaboração do roteiro e da realização das entrevistas, chegou o momento de realizar as transcrições. Foram vários passos da transcrição até a análise dos dados.

Primeiramente, a transcrição; em seguida, a primeira leitura; posteriormente uma leitura mais aprofundada; e por fim, uma leitura para identificar e sobressaltar os pontos para escrever sobre aquilo que os jovens entrevistados falavam.

Na primeira versão da transcrição das entrevistas, não havia separação entre as perguntas e respostas e não havia as letras iniciais dos nomes para identificar entrevistado e entrevistador. Eram detalhes importantes que dificultavam as análises. Após organizar isso, consegui visualizar melhor as perguntas e as falas dos entrevistados.

Uma primeira leitura foi realizada para identificar o que havia de semelhante e diferente nas entrevistas e o que cada jovem estava dizendo a princípio, sempre refletindo antes de pontuar. Em seguida, fazer anotações no texto, separando os assuntos por cores e levantando algumas questões semelhantes e diferentes entre os jovens, levantando os pontos e os detalhes importantes em cada entrevista. O próximo passo foi descrever aquilo que havia sido salientado até o momento para analisarmos enxergando os autores.

Ao tentar analisar as transcrições, no meu primeiro olhar, não conseguia enxergar nada de importante ou mesmo fazer uma relação com a minha pesquisa. Porém, nas conversas durante as orientações ficava tudo muito mais claro, e por vezes depois das orientações eu conseguia perceber e enxergar algumas coisas que de início não percebiam, mas depois pareciam óbvias.

Enfim, a dedicação e imersão para construção dos procedimentos na realização desse projeto foram fatores essenciais para alcançar os objetivos pretendidos. Além disso, a participação dos entrevistados ao relatar as suas experiências e relações com a música na escuta e o empenho da orientadora. Dessa forma, o conhecimento e as reflexões foram sendo construídas a cada etapa do trabalho.

## 4 AS EXPERIÊNCIAS MUSICAIS DOS JOVENS POR MEIO DAS ESCUTAS

A proposta deste capítulo é trazer o que foi analisado sobre as escutas de três jovens estudantes em uma escola de educação básica, participantes de um projeto de ensino médio integral da escola E. E. A. T. S. O capítulo está dividido em três partes: primeiro uma apresentação de cada entrevistado; segundo, os dados sobre como os jovens escolhem suas músicas; em terceiro, o que aprendem e como aprendem em suas escutas musicais.

### 4.1 Os participantes da pesquisa

Liz é uma jovem que gosta de escutar música, e para ela música é algo que contagia de tal forma que não consegue ver a música sem o corpo. Explica que ao escutar é como se música e dança fosse uma coisa única. Dentre as experiências com a escuta musical, narradas por ela, conta que algo a marcou muito. Foi durante o tempo do barzinho do seu avô, quando ela ficava lá, selecionando músicas para tocar para as pessoas que frequentavam o bar. Quando seu avô ou alguém pedia para colocar alguma música para tocar, ela não conhecia a música. Mas quando ela começava a escutar acabava gostando junto com eles. Quando perguntei que tipo de música passou a escutar no bar de seu avô ela disse: “Ah !!! Forró, forró tinha bastante, e pagode também. Aí eu acabei gostando bastante dessa parte”. Assim, Liz considera que as experiências no bar de seu avô, ela não podia reclamar, porque aprendeu muita música “que nem imaginava que existia” (Liz Entrevista 1, 10/09/2019, p. 11).

Outra experiência de Liz por meio da escuta foram as experiências com sua mãe. Ela afirma que sua mãe é eclética e foi dançarina e cantora de palco. Mas algo que aprende é quando estão juntas trabalhando na fábrica de salgados e sua mãe começa a cantar e relembrar tudo o que ela passou, e o que ela fez para estar ali. Quando sua mãe canta a música com ela, no trabalho e passa a contar a história do passado, traz a Liz a oportunidade de escutar sua mãe cantar e conhecer a história do passado musical dela.

Sobre sua mãe ela diz: “agora ela sossegou e acho que ela prefere não muito barulho, porque até quando meu pai tá escutando muito alto (Som) ela briga com meu pai às vezes. Aí acaba que a gente escuta baixo, até em churrasco” (Liz Entrevista 1, 10/09/2019, p. 12).

Diferente de Liz, que não enxerga a música separada do corpo, Vini, quando escuta música é como se a música tocasse em seus sentimentos, assim, entende que “a música toda” (se referindo à melodia, instrumentos, ritmo) pode levar a pessoa que está escutando a

compreender como ela realmente é. Porém, considera que o texto é um fator muito importante que pode definir o caráter da música.

Nesse aspecto, Vini, consegue escutar a música e considerar todas as suas partes importantes e necessárias para definir se a música é boa para escutar ou não. Ou seja, ele pensa na letra e na música, ao mesmo tempo, enquanto está escutando suas músicas.

Para Vini a música ajuda a ficar mais concentrado e por isso gosta de escutar enquanto joga e estuda. Ele assume que suas preferências musicais são pop, K-pop, *rock* e, raramente, escuta pagode e sertanejo e que não gosta de funk.

Outra entrevistada foi Babi que vê na música uma forma de relaxar e melhorar o ambiente. Para ela escutar música é para curtir sem preocupação em pensar em algo. A escuta musical de Babi não tem um planejamento ou algo definido, mas considera ser algo de momento, sem planejamento. Nesse caso, a sua escuta musical depende mais do que está procurando na internet, e que muitas vezes, não é algo exatamente sobre música.

Nesse sentido, a escuta musical para Babi acontece por ela viver em um ambiente virtual, seguindo vídeos no *Instagram* ou *Youtube*. No seu caso, suas descrições sobre a escuta musical tem muita relação com outros conteúdos relacionados a estas músicas nas plataformas da internet. Esta conexão com as novidades virtuais proporcionam a ela, oportunidades de conhecer novas músicas, ou descobrir mais detalhes sobre aquelas que já conhece como os ritmos, os cantores, os gêneros, as tendências musicais. Nesse sentido, ela consegue conectar e falar sobre as músicas que estão presentes nos vídeos cujo foco principal era outro assunto ou produto. Porém, a música consegue se sobressair e conquistar um destaque para os ouvidos interessados.

As experiências que os jovens vivenciam por meio de suas escutas os levam a fazer escolhas e definir suas opiniões. Nesse caso, para cada um dos entrevistados a música tem um significado diferente. Na fala dos entrevistados, música e dança “é como se fossem uma coisa única”, mas é também uma forma de representar os sentimentos e ainda, é algo que pode modificar um ambiente.

## **4.2 Como os jovens escolhem suas músicas**

### **4.2.1 As músicas nem sempre são selecionadas**

Na fala dos jovens a escolha do que escutar não é algo que esteja pronto ou já definido. É interessante observar a experiência de Liz de navegar no youtube e ficar à espera

das sugestões musicais que muitas vezes surgem em propagandas de sites. Esta foi uma maneira revelada por ela como um jeito de escolher música. Isso explica a sua afirmação: “eu escuto porque passa” (Entrevista Liz, dia 10/09/2019, p. 3)

Na experiência de Liz, ela fica satisfeita com as músicas que aparecem nas propagandas do site, ou músicas encontradas aleatoriamente, pois sente que estas músicas são capazes de lhe contagiar. As músicas encontradas aleatoriamente pela entrevistada são adicionadas a sua playlist, e passam a significar um tesouro que foi descoberto. No caso de Liz, esta é a sua principal forma de escolher o que escutar.

Para Babi, a escolha musical pode também acontecer sem um planejamento prévio, como por exemplo, escutar e aprender uma música a partir de um vídeo que não tem como objetivo a própria música. Ou seja, a aprendizagem de uma música pode acontecer, em um vídeo que tem música, mas que não é necessariamente de música. Para Liz, quando se gosta de uma música que escutou, o jovem de alguma forma busca encontrá-la para escutar novamente.

Os jovens podem não planejar suas escutas. Se, por um lado, eles possuem músicas salvas em seus dispositivos, de sua seleção pessoal, por outro, os jovens podem escutar como uma ação sem compromisso, não planejada, e podem ainda escutar música descontextualizadas para aquele momento.

#### **4.2.2 Análise da letra como critério para a escuta**

Para os jovens, o ato de escutar músicas se mostrou muito mais complexo e abrangente do que apenas estar com um fone de ouvido, pois estão conectados com suas músicas de diferentes formas. Vini afirma que a letra da música é um fator importante, e por este motivo não ouve funk por ser uma música “muito pesada, muito machismo, muita discriminação das mulheres, de mostrar muita violência, palavrão e essas coisas feias que eu também acho” (Entrevista Vini, 24/09/2019, p.11). Nesse aspecto, a escuta atenta, contribui para gerar uma habilidade de análise e avaliação da música baseada na letra, com isso criar um critério seletivo musical.

Da mesma forma, outra entrevistada, apesar de gostar do ritmo do Funk, não concorda quando, durante a música, ela ouve algumas letras que falam palavrões, ou termos ofensivos. Por esse motivo, ao selecionar funks para sua playlist, observa o conteúdo das letras buscando

sempre aquelas que não sejam imorais, do seu ponto de vista. Ela afirma que, se pudesse, mudaria a letra de algumas músicas para poder escutar sem se sentir mal.

#### 4.2.3 A importância da organização da *playlist*

Sobre a organização das músicas cada entrevistado revelou uma forma de organizar suas músicas em seus dispositivos quer seja a *playlist*, a montagem das pastas, ou até mesmo as escolhas das músicas por assuntos.

A preferência de Liz é ter uma “escuta aleatória” que é quando não há uma *playlist* definida com músicas selecionadas por temas semelhantes. Ela prefere que as músicas sejam reproduzidas sem uma ordem específica, Desse modo, afirma: “a minha *playlist* é toda bagunçada, você está ali sofrendo e de repente, já começa uma música mais animada.” (Entrevista Liz, dia 10/09/2019, p. 2). Nesse caso, Liz descobre o estilo da música somente quando ela se inicia.

Dessa forma, Liz não se preocupa em montar seleções de músicas, quando uma música lhe chama atenção ela coloca na sua *playlist* sem uma ordem definida. Para ela “bagunçada” significa que as músicas ficam misturadas sem qualquer tipo de separação, classificação ou ordem.

Ao contrário dessa aleatoriedade e imprevisibilidade na escuta de Babi ela prefere a facilidade de usar o aplicativo *Deezer*<sup>11</sup>, que já oferece *playlists* prontas,

Então... eu uso o *Deezer*. Daí o *Deezer* é por categoria, aí eu vou mesclando as categorias. Tem vez que eu uso a categoria, sei lá, sertanejo, aí às vezes eu vou para o funk, aí tem hora que eu vou... eu uso muito “As mais tocadas do Brasil”. Geralmente, eu escuto essas. (Entrevista Babi, 05/11/2019 p.5).

Com base na fala de Babi, ela utiliza um aplicativo por causa das suas *playlists*. O *Deezer*, possui seleções de músicas com estilos e gêneros musicais separados, facilitando a vida do usuário. Basta escolher a categoria que quer escutar de acordo com o momento, por exemplo, um churrasco, para estudar, ou dependendo de seu humor. O aplicativo utiliza nomes sugestivos para as categorias. Para Babi, escolher por esse caminho, fica mais fácil, como oferecem: “Você traz a paixão. Nós trazemos a música”. (*DEEZER*).

---

<sup>11</sup> *Deezer* é um aplicativo para aparelhos celulares que oferece serviço de streaming de áudio. <https://www.deezer.com/br/>

Sendo assim, os aplicativos, jogos, redes sociais, e até mesmo filmes, são considerados ferramentas importantes para que os jovens conheçam novas músicas. Com estas novas descobertas eles podem descobrir e experimentar a escuta, bastando, porém, que fiquem atentos para as músicas ao seu redor, pois haverá aquelas que lhes chamarão atenção por se identificarem com elas.

### 4.3 Aprendizagens musicais por meio da escuta

#### 4.3.1 Escutar e aprender com a música do outro

Os entrevistados descreveram os motivos que os levam a escutar música, alguns momentos não são escutas espontâneas, porém não deixam de aprender com estas músicas. No caso de Liz ela divide o quarto com sua irmã, que gosta de escutar um gênero musical diferente de Liz. A questão de dividir o quarto com sua irmã lhe deu oportunidade de escutar outras músicas e também, compartilhar as suas. Como elas gostam de diferentes gêneros, Liz afirma:

[...] às vezes ela gosta mais de *rock*, por exemplo. E eu gosto mais de funk, sertanejo, essas coisas. Ai, meio que a gente conversa mais sobre isso. Nós duas tentamos chegar em um acordo, como a gente divide o quarto e eu escuto música alto e ela também. Ai a gente chegou num acordo em que um dia ela escuta e no outro sou eu (Entrevista Liz, 10/09/2019 p.8).

Dividir o mesmo espaço de convivência levou Liz e sua irmã a negociar não apenas o espaço físico bem como o espaço sonoro. Nesse aspecto, a melhor maneira de fazer com que a música de cada uma, e suas preferências musicais fizessem valer, foi por meio de uma negociação. Esse relato, nos leva a refletir como a aprendizagem por meio da escuta demandou uma negociação entre ambas as partes.

O fato de fazer este acordo quando em uma noite ela escolhe a música para ser tocada no espaço do quarto, e na outra noite, a escolha é de sua irmã, deu oportunidade para que elas conhecessem a música, uma da outra. Desse modo, ao escutar a música da irmã para agradá-la, Liz passa a gostar de *rock*.

Segundo Vini, o *rap* já foi seu estilo preferido, mas atualmente não escuta mais, “pegou ranço” porque percebeu ser muito pesado e com muito palavrão. No entanto, afirma



que houve uma época em sua vida que só ouvia *rap*, porém quando o vizinho também começou a ouvir este estilo de música, dia e noite com volume muito forte, fez com que Vini enxergasse o *rap* de uma maneira diferente, bem como afirma:

Eu comecei a pegar ranço, nojo do *rap*, então eu não conseguia mais escutar *rap*. Eu comecei a pensar: Meu Deus! Eu estou escutando esta porcaria mesmo? Então comecei a procurar outro estilo de música. E hoje em dia eu não escuto *rap*, nada disso! (Vini, Entrevista 2, dia 24/09/2019, p. 23).

Desse modo, quando ouvia *rap* individualmente com fone de ouvido, ele tinha uma percepção dessa música. Mas, quando passou a ouvir de fora, por meio da escuta de outra pessoa, ou seja, “ouvindo o outro ouvindo”, começou a refletir sobre esta escuta. Além disso, esta era exatamente a música que Vini, até então, considerava como a única música que ouvia e dizia que “quando era criança só ouvia *rap*”. Isso fez com que refletisse sobre os valores morais abordados na letra e fizesse uma crítica ao *rap*, principalmente, a partir, da letra que é algo fundamental para Vini.

Era muito pesado, era muito palavrão, essas coisas! E eu morava do lado da casa de um vizinho que vivia fazendo festa e escutando esses *raps* muito pesadão e era um tormento, ele ficava escutando *rap* o dia inteiro, e de noite. Aí, eu fui pegando ranço e desgostando dessa música. Foi isso mesmo. (Entrevista 2. p. 8)

Quando o vizinho começou a expor uma música com volume tão forte que invadia o ambiente sonoro de sua família, Vini se percebeu como ouvinte daquele tipo de música. Nesse momento, ele percebeu que certas palavras poderiam afetar outras pessoas. Ao ser ouvido por meio do fone, somente ele, com ele mesmo, o palavrão contido na letra de alguns *raps* perdia sua força ofensiva. Porém, quando o volume é forte o suficiente para atingir outras pessoas, a mensagem da letra da música torna-se a exposição de um pensamento que pode agredir outra pessoa.

Por fim, a situação com o vizinho, instigou Vini a pesquisar outras músicas e, com isso, ampliou seu conhecimento sobre outros estilos de músicas, o que modificou suas preferências musicais. As pesquisas de Vini o ajudaram a descobrir a forma de dar ênfase a

outros elementos inclusos na música, tanto musicais quanto textuais que se mostraram mais significativos para ele do que o próprio gênero musical, o *rap*.

Por meio da escuta, Vini percebe complexidades, faz análises profundas e discussões sobre música. Desse modo, a música tem que passar pelo seu crivo ético, de forma que se, a letra da música está repleta de palavrão, se é machista, violenta ou discrimina mulheres faz com que Vini repudie totalmente o estilo.

Assim, se torna fechado e não consegue sequer apreciar outros elementos que o funk traz, como ritmo e a batida. Portanto. Vini, reflete sobre o que fala a música, compreende o papel social que ela desempenha, percebendo no texto da letra da música a exposição de uma ideia, de um pensamento.

#### **4.3.2 O que e como falam sobre suas músicas**

Com base em como os jovens falavam de suas músicas, percebe-se que souberam descrever, cada um à sua maneira os estilos, gêneros, maneiras de tocar os instrumentos e cantar as músicas. Assim, a escuta os levou a refletir para entender as músicas, organizar os conceitos e criar nomenclaturas com objetivo de melhor descrever a compreensão que possuem sobre aquilo que escutam.

##### **4.3.2.1 Aprendizagens musicais na organização das playlists**

O mundo sonoro compartilhado pelos jovens em suas entrevistas é organizado por meio de aplicativos os quais possuem a função de organizar as músicas, selecionar *playlists*, escolher ou sugerir músicas para escutar no aplicativo *Deezer*. Muitas vezes as seleções que são feitas por aplicativos são as músicas mais ouvidas pelos usuários.

Quando organizam suas *playlists*, os jovens compreendem que o gênero da música está relacionado com a sua função, como por exemplo, ouvem gospel para arrumar a casa, para tomar banho colocam de modo que o aplicativo escolhe as mais tocadas. Assim o critério de escolha das músicas que irão escutar, as bandas preferidas, os seus cantores preferidos passam pelo critério do aplicativo, que por sua vez, escolhe os últimos lançamentos de seus cantores ou bandas preferidas.

Ficou evidente que, quando eles gostam de uma banda ou de um cantor, eles são fiéis de maneira que, quando uma música nova é lançada, existe maior chance de serem salvas em suas *playlists*, e passarem a escutar. Babi afirma: “Eu reparo bastante primeiro se eu gosto do cantor ou cantora. Aí eu falo: “Ah! Se foi ele que lançou, então eu escuto! Eu sou meio assim [...]” (Entrevista Babi, dia 05/11/2019, p. 37).

Dessa forma, para Babi, escutar músicas novas, diferentes das de costume, deve ser de algum músico que ela conhece, ou quando uma pessoa comenta ou canta algum “trechinho”, ou até mesmo, se a música de algum comercial chamar atenção. Enfim, Babi necessita de uma referência, precisa conhecer antes, para que a música entre para a sua *playlist*.

#### 4.3.2.2 A escuta possibilita identificar diferenças entre os gêneros musicais

Os jovens muitas vezes usam a possibilidade de comparação para explicarem os estilos, gêneros e elementos musicais. Um exemplo foi Vini que, ao explicar que *rock in roll* é “uma agressão meio que uma violência musical! [...] o povo gritando e pulando, é tudo diferente do Pop”. Para explicar a diferença entre *Rock* e Pop, Vini, diz:

A instrumentação, dependendo, muda sim, um pouco. Se não me engano, no *rock* eles usam... Eu nunca reparei direito, mas eles usam o baixo, acho que fala baixo. No pop eles usam mais é o violão, ou guitarra e é mais vocal. Não tem muita batida, já o *rock* é muita batida. (Entrevista Vini, 24/09/2019, p. 6).

Para explicar a diferença desses gêneros musicais, Vini diz:

Bom, eu não escuto muito sertanejo, mas no sertanejo já é mais o violão mesmo. Eu vejo pouco sertanejo tocar guitarra. Já a bateria, tipo até tem a equipe deles tocando bateria lá, mas não é igual do *rock*, assim que é forte e é o principal da música. Aí já no sertanejo é aquela música meio que sofradora, não bad, aquela música triste, mas aquela música de fazer você sair e divertir com os amigos sofrendo e umas coisas aí erradas (Entrevista Vini, 24/09/2019, p. 6).

Vini afirmou que começou a experimentar o pop *rock* explicando:

Aí eu estava pesquisando né, e comecei a experimentar esse pop *rock*

que está surgindo agora na indústria musical, né. Tipo... ele já tinha, mas não era tão assim igual o pop, o sertanejo que são mais famosas, assim, como o *rock*. Aí surgiu esta daí e eu tô começando a experimentar agora esse estilo de música” (Entrevista Vini, 24/09/2019, p. 5).

Dessa forma, as diferenças entre os gêneros musicais acontecem principalmente pelos instrumentos, a maneira como os músicos cantam. Ele descreve o *rock* como gênero e que a bateria e a guitarra são elementos marcantes nesse gênero. Já no sertanejo, além de ser “mais violão, a música é meio que sofredora”.

As outras entrevistas descreveram as características de músicas. Babi afirmou que o *reggae* é uma música tipo: “Tô na onda, tô na brisa”, já o funk tem ritmo acelerado e “mexe com o corpo da gente [...] eu acho que é o tchum tchá” (Entrevista Babi, 05/11/2019, p. 10). Já Liz classificou as músicas conforme a sua função. Para ela, existem “músicas para reflexão, para sofrer, outras animadas que possuem um ritmo que serve para dançar e músicas que considera estranhas, classifica como satanistas” (Entrevista Liz, dia 10/09/2019, p. 8).

Acredita-se que este trabalho atingiu os objetivos propostos, uma vez que foi possível conhecer as preferências musicais dos jovens; conhecer os critérios utilizados por eles na seleção das músicas; saber como descrevem suas músicas e o que conhecem sobre elas; identificar as maneiras de escutar e aprender sobre música e listar os elementos musicais que os jovens aprendem por meio da escuta musical.

As entrevistas foram consideradas eficientes para esclarecer dúvidas e trazer a tona reflexões sobre as relações dos jovens com suas músicas e sobre as aprendizagens por meio da escuta musical. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para ampliar o que se sabe sobre as escutas musicais dos jovens e alargar as possibilidades de ensino musical.

## Considerações finais

O tema para esta pesquisa surgiu a partir da observação de como os jovens escutam música. Durante imersão na escola básica por meio dos programas PIBID e RP. Por fim, depois de assistir uma aula, durante ambientação para RP, cujo tema era escuta musical, aguçou minha curiosidade para compreender sobre as aprendizagens dos jovens por meio de suas escutas musicais.

A coleta de dados foi cumprida por meio de entrevistas semiestruturadas com alunos do ensino médio da E.E.A.T.S. Para realização das entrevistas foi elaborado um roteiro de perguntas para nortear a conversa. Foi um processo rico em aprendizagens desde a elaboração das perguntas, transcrição e análises.

Eles demonstraram que possuem interesses musicais diversos, em alguns momentos escolhem o que querem escutar, e outras vezes, procuram uma seleção pronta de músicas. Não tocar um instrumento musical não os impede de demonstrarem que conhecem sobre suas músicas e desenvolvem um aprendizado musical, que não está conectado à motivação de aprendizado com um instrumento. Dessa forma, se revelaram muito familiarizados com suas músicas.

Os jovens, por meio de suas escutas, aprendem sobre gênero musical, estilo, ritmos, melodias, introdução e refrão. Sabem sobre instrumentos musicais, conhecem os timbres e em quais gêneros musicais são mais usados. Identificam os timbres das vozes dos seus cantores preferidos, sabendo opinar sobre elas. Além disso, são atentos ao discurso musical e percebem que a música desperta emoções e sentimentos, especialmente nos filmes, jogos e vídeos.

Algumas leituras foram essenciais para ajudar a minimizar as dificuldades de comunicação e insegurança no momento da entrevista. Assim, foi possível ir descobrindo caminhos para aumentar a autoconfiança por meio de estratégias na condução da entrevista e organização. Mas principalmente, enfrentar os medos e se arriscar.

Nesta pesquisa, os jovens se mostram com um gosto musical bem eclético, pois, quando perguntados sobre o que gostam, poucos descrevem um gosto musical específico. Afirmam escutar “de tudo”, *funk*, *rap*, *reggae*, sertanejo e música de outras culturas. Mesmo porque, o fácil acesso à internet possibilita o contato com todo tipo de música.

Além disso, as relações familiares contribuem para que ouçam também, músicas as quais consideram antigas, como a música dos pais ou dos avós. Porém, um dos principais responsáveis pela ampliação musical do jovem, sem dúvida são os amigos. Com isso, redes de

amizades são formadas a partir da música, por outro lado, quando as preferências musicais não coincidem, cuidam, para que esse fator *atrapalhe* os relacionamentos.

E ainda, estão cada vez mais preocupados com a letra da música que precisa estar em conformidade com aquilo que acreditam e esperam, de forma que a música não deveria promover o machismo ou outros preconceitos.

Realizar esta pesquisa foi sem dúvida um trabalho significativo e enriquecedor para mim enquanto pessoa. A principal contribuição para a minha vida pessoal foi sobre o meu olhar, depois de ler uma primeira vez as transcrições e não perceber nada de importante e depois ir descobrindo quanto conteúdo significativo havia ali naquelas entrevistas que eu mesma fiz, me mostrou que há muito mais em todos os lugares e precisamos de atenção para perceber.

A segunda grande contribuição que este trabalho me proporcionou foi com relação a organização das ideias, as leituras, a prática da escrita e análise do que estava sendo realizado no trabalho contribuiu para esta minha reflexão e organização do pensamento e conseqüentemente melhorando minha maneira de falar e escrever. Ainda resta um longo caminho a percorrer nesse sentido, mas esse trabalho me ajudou a dar alguns passos nessa direção.

Este estudo pode contribuir para proporcionar reflexões sobre a importância do conhecimento que o jovem constrói em suas vivências com a música por meio da escuta. Valorizar o conhecimento e o contexto cultural musical do jovem, pode contribuir para aumentar sua autoestima e motivá-lo na ampliação de sua escuta musical. Também promover reflexões sobre a interação entre aluno e professor favorecendo um desenvolvimento na aprendizagem e aquisição de conhecimentos musicais por meio do diálogo.

Outras pesquisas sobre escuta musical de jovens poderiam abarcar contextos culturais diversos, para compreender as diferenças na percepção musical em cada contexto. Outro assunto para pesquisa é a escuta relacionada aos jogos de games ou filmes, em que apesar da música estar aparentemente em segundo plano, a escuta contribui para dar realismo à trama.

## REFERÊNCIAS

- BOZZETTO, Adriana. Música, celular e juventude na perspectiva do educador musical: um estudo a partir da mídia impressa. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ABEM*, 17. São Paulo. **Anais**[...] São Paulo: ABEM, 2008.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.
- DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ESCUITA. *In: DICIO, Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/escuta/>. Acesso em: 14/10/2020.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2009.
- FRANÇA, C. C.; SWANWICK, K. **Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática**. *In: Em Pauta*, v. 13, n. 21. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/8526>>. Acesso em: 12 out 2021.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- KOKKIDOU, May; TSAKIRIDOU, Eleni. **Why do young people listen to music? To feel upset, upgraded or uplifted?: a field study**. *In M. Kokkidou & Z. Dionysiou (eds.) Proceedings of the 6th International Conference of G.S.M.E. "Music: Educates, Trains, Heals"*, 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/16724599/Why\\_Do\\_Young\\_People\\_Listen\\_To\\_Music\\_A\\_Comparative\\_Field\\_Study\\_among\\_Students\\_from\\_Greece\\_and\\_Lithuania](https://www.academia.edu/16724599/Why_Do_Young_People_Listen_To_Music_A_Comparative_Field_Study_among_Students_from_Greece_and_Lithuania)>. Acesso em: 23/07/2021.
- ORTEGA, Orlando. POP & ARTE: MÚSICA. *In: Poesia Acústica: como série de vídeos virou referência na onda de rap com violão no Brasil*. ed. Artigo jornal: G1 Globo.com, 5 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/07/05/posia-acustica-como-serie-de-videos-virou-referencia-na-onda-de-rap-com-violao-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 11 set. 2020.
- PALHEIROS, Graça Boal. Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes, em diferentes contextos. *In: ILARI, Beatriz Senoi (Org.). Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006. p. 303-349.
- PAULUCCI, Bruno Peres. **Fisiologia da audição**. São Paulo: USP – 2005. Disponível em: [http://www.otorrinousp.org.br/imageBank/seminarios/seminario\\_28.pdf](http://www.otorrinousp.org.br/imageBank/seminarios/seminario_28.pdf)>. Acesso em: 14/10/2020.

POPOLIN, Állisson. **Jovens, escuta diária de música e aprendizagem musical**. 2012. 140f. Dissertação (Mestrado) em Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012. Disponível em: <  
<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/12305>>. Acesso em: 23/07/2021.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.  
SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

SOUZA, Jusamara; TORRES, Maria Cecília de Araújo. Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens. **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, out. 2009.

SWANWICK, Keith. **A Basis for Music Education**. London: Routledge, 1979

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Ed. MODERNA, 2003.

WUYTACK, Jos; PALHEIROS, Graça Boal. **Audición musical activa: Libro del professor**. Porto – Portugal, Associação **Wuytack** de Pedagogia Musical, 1996.



## APÊNDICE A – CARTA DE INTENÇÕES

Aline Batista Valadares Melo, carteira de identidade, RG: MG M-8198910, CPF: 010322306-14 é aluna do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Uberlândia.

Eu, Aline, tenho a intenção de realizar um projeto de pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso na Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva com tema “Quando eu ouço, é como se a música estivesse tocando em mim!”: Um estudo sobre a escuta musical de jovens. Nesse projeto entrevistar alunos para essa compreensão.

Como orientadora de Aline Batista Valadares Melo atesto que ela tem sido muito responsável e cônica das atividades a serem realizadas no âmbito da pesquisa com todas as demandas éticas possíveis.

Atenciosamente,

Uberlândia, 04 de junho de 2019.

---

Prof<sup>a</sup> doutoranda Ruth de Sousa Ferreira Silva  
(orientadora)

---

Aline Batista Valadares Melo  
(orientanda)

## APÊNCICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada ““Quando eu ouço, é como se a música estivesse tocando em mim!”: Um estudo sobre a escuta musical de jovens” sob a responsabilidade da pesquisadora, orientanda Aline Batista Valadares Melo pela orientadora Profa. doutoranda Ruth de Sousa Ferreira Silva.

Pretende-se com esta pesquisa compreender as aprendizagens musicais na/das escutas de jovens de educação básica da Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva. Esta compreensão passará por realização de entrevistas. Esta será gravada, e nenhum momento você será identificado, e você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro ao participar da entrevista. Você pode parar de participar a qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Convém esclarecer que os dados levantados serão utilizados estritamente em atividades acadêmicas e científicas.

Caso haja qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá entrar em contato com: Aline Batista Valadares Melo.

Uberlândia, 04 de junho de 2019.

---

Aline Batista Valadares Melo (pesquisadora)

---

Prof. doutoranda Ruth de Sousa Ferreira Silva (orientadora)

Aceito participar da pesquisa citada acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Aluno (a) da Escola Estadual Ângela Teixeira Silva

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Procedimentos iniciais:

Agendamento da entrevista:

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Horário: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

### Roteiro 1

1. Nós vamos ter esse momento para falar sobre música. O que é a música para você?
2. Em que momento você mais ouve música? Por quê?
3. Tem alguma música mais especial? Por quê?
4. Quando você ouve uma música a primeira vez o que mais te chama atenção?
5. Você tem músicas que ouve todos os dias? Como você selecionou?
6. Se você passar em algum lugar e estiver tocando uma música, você consegue distinguir qual a música? Se sim, como?
7. Você consegue escutar uma música e já saber qual é? O cantor? A dupla sertaneja? O DJ?
8. O que faz com que uma música seja „boa“ para você?
9. O que você mais curte em música?
10. Você sempre escuta esse tipo de música? Como eram as músicas que você ouvia antes?
11. Você tem amigos que não gostam de suas músicas? Como vocês convivem com isso?
12. Vocês conversam sobre música? Vocês trocam informações sobre música?
13. Quando você ouve uma música você já memoriza? O que te faz saber que aquela música é aquela música?
14. Tem alguma música que você não gosta? O que faz com que você não goste da música?
15. Tem algo que você gostaria de compartilhar?

## Roteiro 2

1. Vamos falar sobre música. Você gosta de música? Qual a música você mais gosta?

2. Fale um pouco sobre a música em sua vida. Jogos? Filmes? Igreja? Família?

Amigos?

3. Já conversou com seus amigos sobre música? Se sim, gostam das mesmas músicas?

4. O que te fez gostar de suas músicas?

5. Você vê alguma diferença entre ouvir e escutar música?

6. Você saberia descrever a música que você mais gosta?

7. Quando você está escutando música com seus amigos vocês compartilham ou comentam sobre aquela música?

8. Onde e como você gosta de escutar música? Ou ouvir música?

9. O que você não gosta em música? Por quê?

10. O que te ajuda entender sua música? A letra? A banda? O ritmo? A roupa? Os instrumentos?

11. Você saberia distinguir gêneros musicais?

12. Você tem músicas específicas para determinados momentos?

13. Como você seleciona estas músicas?

14. Você ouve música que não tem uma letra?

15. Você acha que se a música não tem letra ainda assim é capaz de transmitir uma mensagem?